

Gonçalves, Rosemary Pinto de Arruda; Souza, Sebastiana Almeida; Benassi, Claudio Alves; Padilha, Simone de Jesus. *Diacronia e sincronia: questões estruturais e de sentido na Libras*. In.: *Revista Diálogos (RevDía)*. Dossiê "Como as diversas teorias e concepções de linguagens concebem a questão do sentido". v. 4, n. 2, 2016. [<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia>]

## *Estruturalismo linguístico*

*E os sentidos como são constituídos?*

*Rosemary Pinto de Arruda Gonçalves<sup>1</sup>*

*Sebastiana Almeida Souza<sup>2</sup>*

*Cláudio Alves Benassi<sup>3</sup>*

*Simone de Jesus Padilha<sup>4</sup>*

*Como as diversas teorias e concepções de linguagens concebem a questão do sentido: estudos linguísticos e literários* v. 4, n. 2, 2016

<sup>1</sup> Mestre em Estudos de Linguagens (Ppgel/Ufmt). Professora de Língua Portuguesa da Rede Estadual de Ensino Básico - Seduc/MT. Grupo de pesquisa Rebak. Cuiabá. [rosecarosa@hotmail.com](mailto:rosecarosa@hotmail.com)

<sup>2</sup> Mestre em Estudos de Linguagens (Ppgel/Ufmt). Professora da Coordenação de Letras-Libras-Licenciatura. Universidade Federal de Mato Grosso. Grupo de Pesquisa Rebak. Cuiabá. [tianaalmeida@gmail.com](mailto:tianaalmeida@gmail.com)

<sup>3</sup> Artista pesquisador. Doutorando em Estudos de Linguagens (Ppgel/Ufmt). Professor da Coordenação de Libras. Universidade Federal de Mato Grosso. Grupo de Pesquisa Rebak. Cuiabá. Editor gerente da Revista Diálogos. [professorcraacbenassi@cedimus.net](mailto:professorcraacbenassi@cedimus.net)

<sup>4</sup> Orientadora (Ppgel/Ufmt). Doutora em Linguística aplicada aos estudos da linguagem (Puc-Brasil [2005]). Departamento de Letras. Docente do curso de Letras e Letras-Libras. Universidade Federal de Mato Grosso. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Rebak. Cuiabá. [simonejp1@gmail.com](mailto:simonejp1@gmail.com)



1916-2016, um século de **Curso de Linguística Geral**: uma obra para o grande tempo. A ela nossas reverências.

**RESUMO:** Este texto tem como finalidade (re)apresentar um trabalho, por nós exposto no curso de mestrado/doutorado, em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso, que consiste, em um recorte do estudo e da pesquisa para o seminário “Teorias e Concepções de Linguagem”, cujo tema da nossa palestra, - **“Como o estruturalismo concebe a questão do sentido”** -, constitui-se em um desafio. Para tanto, Selecionamos alguns conceitos basilares da linguística do século XX, de entendimento saussuriano e importantes aspectos dessa teoria para analisar e buscar interpretar, concretamente, a avaliação de diacronia e sincronia, de signo, significante e significado; da arbitrariedade do signo e da linearidade do significante; do eixo sintagmático e do eixo associativo ou paradigmático à luz das apreciações propostas por Saussure. E, finalmente, Esperamos com isso, constituirmos em mais uma voz a contribuir para a releitura, explanação e aferição de como isso pode ser observado e relacionado ao conceito da língua sob à ótica estruturalista, fortalecendo assim, a possibilidade da leitura linear com possibilidade de produção de sentido.

**PALAVRAS-CHAVE:** Saussure e estrutura. Relação e sentido. Eixos sintagmático e paradigmático.

Revista de Linguística e Literatura - 2016  
A obra de Saussure, publicada em 1916, marcou o início de um novo paradigma na linguística. O Curso de Linguística Geral estabeleceu os fundamentos da linguística estrutural, apresentando conceitos fundamentais como o signo linguístico, a arbitrariedade do signo e os eixos sintagmático e associativo/paradigmático. Este texto busca analisar e interpretar, concretamente, a avaliação de diacronia e sincronia, de signo, significante e significado, à luz das apreciações propostas por Saussure. Esperamos com isso, constituirmos em mais uma voz a contribuir para a releitura, explanação e aferição de como isso pode ser observado e relacionado ao conceito da língua sob à ótica estruturalista, fortalecendo assim, a possibilidade da leitura linear com possibilidade de produção de sentido.



...  
...  
...  
...  
...

**LINGUISTIC STRUCTURALISM: AND THE MEANINGS AS THEY'RE CONSTITUTED?**

**ABSTRACT:** The purpose of this text is to (re)present a work presented by us in the Masters/PhD course in Estudos de Linguagens (Language Studies) of Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), which consists, in a snippet of the study and research for the seminar "Teorias e Concepções de Linguagem", of which the theme of our lecture, "Como o estruturalismo concebe a questão do sentido", is a challenge. To do so, we select some basic concepts of 20th century linguistics, of Saussurian understanding and important aspects of this theory to analyze and seek to interpret, concretely, the evaluation of diachrony and synchrony, of sign, signifier and meaning; of arbitrariness of the sign and the linearity of the signifier; off the syntagmatic axis and of the associative or paradigmatic axis in the light of the evaluations proposed by Saussure. And, finally, we hope to be one more voice to contribute to the re-reading, explanation and assessment of how this can be observed and related to the concept of the language under the structuralist view, thus strengthening the possibility of linear reading with possibility of production of meaning.

**KEY WORDS:** Saussure and structure. Relation and meaning. Syntagmatic and paradigmatic axes.



## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho cujo título está representado por “**Estruturalismo Linguístico: e os sentidos como são constituídos?**” é um recorte e resultado do seminário “Teoria e Concepções de Linguagem”, coordenado pela professora Doutora Simone de Jesus Padilha, que propôs aos acadêmicos e alunos dos cursos de mestrado e de doutorado, um “afastamento do ambiente de comodidade”, ou seja, discutir a questão de sentido em uma teoria um tanto adversa à nossa filiação.

A proposta foi desafiadora para o grupo, uma vez que somos leitores e estudantes dos princípios fundamentais dos conceitos sobre a linguagem, como interação verbal, na visão de Bakhtin e o círculo, que se opõem (em parte) à teoria estruturalista (que concebe a língua como uma estrutura em permanente elaboração (CÂMARA JÚNIOR, 1967, p. 77)). Vale esclarecer que tínhamos pouco mais que um mês para imergir numa teoria tão complexa e que a conhecíamos tão superficialmente.

As primeiras incursões pela teoria, para alguns de nós, foi improdutiva, no entanto após as primeiras desventuras, as sementes do estruturalismo começaram a germinar, principalmente, após as insistentes releituras e as leituras de diversos outros trabalhos e outras obras de interpretações sobre as mesmas sementes, que vieram ao encontro da nossa compreensão responsiva.

Queremos demonstrar, nesta oportunidade, um rápido percurso diacrônico sobre os estudos pertinentes à linguagem, à partir das discussões sobre a nomeação das coisas do mundo para em seguida apresentar nosso entendimento sobre a teoria que assume, sincronicamente, os estudos que toma a língua como seu objeto, para tornar efetivamente a linguística como uma ciência do império positivista.

Antecipamos que este trabalho assume uma forma composicional um tanto alienígena aos formatos convencionais, por se tratar de um material facilitador de compreensão de outros textos teórico científico mais



complexos, cuja linguagem tornaria a leitura mais cansativa e menos produtiva. Nessa perspectiva, dividimos este instrumento em partes, denominadas por **colóquios**, através dos quais pretendemos estabelecer uma relação dialógica, que provoca no leitor a sua compreensão ativa e responsiva, para cada conceito aqui discutido. E ao final apresentaremos uma análise demonstrativa de “Como o estruturalismo concebe os sentidos” estabelecendo a relação dos conceitos sobre o significado x significante e sobre o eixo sintagmático x eixo paradigmático

## 2. OS COLÓQUIOS

### 2.1. Colóquio contextual

Para iniciarmos este diálogo, entendemos por bem explicitarmos algumas considerações que ativarão de certa maneira algum conhecimento de todos nós. Inicialmente, levamos em consideração fatos, do conhecimento, os quais podemos perceber que desde a antiguidade especula-se sobre a relação de nomeação das coisas que existem no mundo, Lembram-se? “No Crátilo” Platão discute sobre os aspectos do significante e do significado.

- Crátilo diz que o significante é unido ao significado por physei (por natureza).
- Hermógenes afirma que essa relação é por thési (por convenção).
- Sócrates inclina-se a reconhecer que a relação entre o significante e o significado, feita por semelhança, é superior àquela feita arbitrariamente, mas que, em geral, essa relação é feita por convenção

Na sequência dessa trajetória histórica vale, a título de entendimento dessa ideia de nomeação das coisas, trazer à pauta parte de um texto -



Teoria dos signos de José Luiz Fiorin, em que apresenta os seguinte excertos:

#### Excerto I

*"Este deve ser o bosque", murmurou pensativamente, "onde as coisas não têm nomes". [ou] Ia devaneando dessa maneira quando chegou à entrada do bosque, que parecia muito úmido e sombrio. "Bom, de qualquer modo é um alívio", disse enquanto avançava em meio às árvores, "depois de tanto calor, entrar dentro do... dentro de quê?" Estava assombrada de não poder lembrar o nome. "Bom, isto é, estar debaixo das... debaixo das... debaixo disso aqui, ora", disse colocando a mão no tronco da árvore. "Como essa coisa se chama? É bem capaz de não ter nome nenhum... ora, com certeza não tem mesmo!" Ficou calada durante um minuto, pensando. Então, de repente, exclamou: - Ah, então isso terminou acontecendo! E agora quem sou eu? Eu quero me lembrar, se puder." (Lewis Carroll, 1980: 165-166)*

#### Excerto II

*"O segundo projeto era representado por um plano de abolir completamente todas as palavras, fossem elas quais fossem [...]. Em vista disso, propôs-se que, sendo as palavras apenas nomes para as coisas, seria mais conveniente que todos os homens trouxessem consigo as coisas de que precisassem falar ao discorrer sobre determinado assunto. [...] ...muitos eruditos e sábios aderiram ao novo plano de se expressarem por meio de coisas; cujo único inconveniente residia em que, se um homem tivesse que falar sobre longos assuntos e de várias espécie, ver-se-la obrigado, em proporção, a carregar nas costas um grande fardo de coisas, a menos de poder pagar um ou dois criados robustos para acompanhá-lo [...]. Outra grande vantagem oferecida pela invenção consiste em que ela serviria de língua universal, compreendida em todas as nações civilizadas, cujos utensílios e objetos são geralmente da mesma espécie, ou tão parecidos que o seu emprego pode ser facilmente percebido."(Jonathan Swift, 1998: 194-195)"*

Segundo análise de Fiorin, o primeiro excerto, foi retirado da obra **Através do espelho e o que Alice encontrou lá**, traz a ideia de que Alice, quando adentra ao bosque as coisas que lá encontra não têm nome, ela se sente incapaz de reconhecer os objetos em torno dela. Este autor explica que a realidade, nessa visão, só tem existência para os homens quando é nomeada. Então, só percebemos no mundo o que nossa língua nomeia.



Os sábios de Balbinaarbi, como mostra no segundo excerto da obra, nas **Viagens de Gulliver**, eles propõem substituir as palavras pelos objetos nomeados, que, segundo eles, as palavras têm o inconveniente de variar de língua para língua. Segundo esses sábios quando quisessem falar de um livro, mostrariam o livro, e assim por diante.

Pela narração de Swift pode-se imaginar tratar de uma ironia sobre as concepções vulgares que entendem a língua como sendo uma nomenclatura que se aplica a uma realidade preexistente. Essa ideia de língua não prevalece, o sistema não pode funcionar dessa forma, porque o objeto não designa tudo o que uma língua pode expressar.

## 2.2. Colóquio preliminar: Vamos conhecer o currículo?



Figura 01. Ferdinand de Saussure. Fonte: disponível em <http://redeglobo.globo.com/globociencia/noticia/2011/09/saussure-skinner-e-chomsky-deram-grandes-contribuicoes-linguistica.html>. Consulta em 20 de outubro de 2016.

### Biografia - Ferdinand de Saussure

Ferdinand de Saussure nasceu em Genebra, em 26 de novembro de 1857. Filho de um eminente naturalista, foi introduzido pelo filólogo e amigo da família Adolphe Pictet nos estudos linguísticos. Saussure estudou Física e Química, mas continuou sendo introduzido nos cursos de gramática grega e latina.

Em 1874 começou a estudar sozinho o sânscrito, usando a gramática de Franz Bopp. Por fim, convenceu-se que sua carreira estava nos estudos



da linguagem e ingressou na Sociedade Linguística de Paris (fundada em 1866). Estudou línguas europeias na Universidade de Leipzig, onde ingressou em outubro de 1876.

Aos vinte e um anos publicou o livro "Memória sobre as Vogais Indo-européias", o sistema primitivo das vogais nas línguas indo-europeias (em francês: "Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes" - ano 1879), o qual foi muito bem aceita.

Três anos depois o estudioso defendeu sua tese de doutorado, "Sobre o Emprego do Genitivo Absoluto em Sânscrito". Em 1881, Ferdinand de Saussure assumiu a cátedra de linguística comparada na Escola de Altos Estudos de Paris. Em 1886 tornou-se membro da Sociedade Linguística de Paris e no ano seguinte foi para Leipzig, na Alemanha, completar seus estudos.

Entre 1907 e 1910, Saussure ministrou três cursos sobre linguística na Universidade de Genebra. Em 1916, três anos após sua morte, dois de seus alunos, Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de A. Ridlinger, compilaram as anotações de alunos que compareceram a estes cursos e editaram o Curso de linguística geral [*Curso de Linguística Geral*], livro seminal da ciência linguística.

Saussure desenvolveu no 'Curso' uma teoria mais geral de semiologia (estudo dos signos).

### **2.3. Colóquio teórico**

Dependendo do mote da leitura, pode-se dizer que é admissível ler uma obra sob diferentes pontos de vista. Pensando nisso, destacamos, especificamente neste trabalho, que o Curso de Linguística Geral (doravante CLG), de Ferdinand de Saussure, permite variadas leituras, - reflexões e refrações - em função dos diferentes lugares teóricos nos quais se situam aqueles que se voltam para o estudo de um ou de vários aspectos





dessa obra. Qual é nosso ponto de vista? Em vista disso, diante do lugar teórico em que ora nos situamos, lemos essa obra sob a luz que aponta para questões de interpretação dessa produção científica, ou seja, questões que levam em conta a atualização dos conceitos e os aspectos de língua que Saussure assimilou para a constituição da linguística como ciência momento histórico situado.

### **2.3.1. Em que consiste o Estruturalismo?**

Lembrando Câmara (1967), o estruturalismo é um posicionamento da ciência que em geral se direciona para todos os campos do conhecimento humano. Abrange o estudo tanto da natureza como ao do homem em sua criação cultural, e, nesta última, pressupõe-se também o estudo linguístico.

O estruturalismo linguístico teve a sua gênese a partir das convicções de Ferdinand de Saussure, e teve seu marco inicial no século XX. O estruturalismo nesta visão é uma teoria que considera a língua como um conjunto estruturado de elementos linguísticos, em que há um sistema abstrato, cujos elementos que o constitui são interdependentes e que possuem ordenação e dinamismo próprios.

Convicções existem e dizem que Saussure pode ser considerado “estruturalista”, ou melhor, o “pai do estruturalismo” por causa do título importante, o clássico de Ferdinand de Saussure, Curso de Linguística Geral, que fundou as bases do estruturalismo e traz os pressupostos teórico-metodológicos dessa escola que acabou influenciando outras ciências sociais.

Na expectativa de refletir e refratar sobre essas afirmações, apresentamos alguns fundamentos sobre o estruturalismo, que discorre sobre essa corrente teórica. Tomando a voz de Benveniste (2006), referindo-se a questões do estruturalismo linguístico, há que se enfatizar os seguintes dizeres: “primeiro, as peças do jogo e em seguida as relações



entre estas peças” (BENVENISTE, 2006, p. 16). Pode-se, a partir dessa citação, entender que há elementos linguísticos constituintes do jogo (língua) e há relações entre esses elementos, em que aos estruturalistas, as formas e as relações entre elas são indissociáveis. Essas relações possuem limite e são consideradas as regras do jogo, ou seja, as leis da língua.

Considerando essa referência de limite, é pertinente dizer que, ainda de acordo com Benveniste (2006, p. 27), “do mesmo modo que não falamos aleatoriamente, quero dizer sem quadro, que **nós não produzimos a língua fora de certos quadros**, de certos esquemas que possuímos (...)” (grifos nossos). Isso leva-nos a compreender que em: **nós não produzimos a língua fora de certos quadros**, não é qualquer coisa que se pode fazer com ela, havendo, portanto, limite. E ainda complementa que cada língua tem suas leis de estrutura, sua singularidade, no sentido de que há *as leis de estrutura, e cada língua tem uma multidão delas*.

Levando-se em conta essas concepções sobre estruturalismo, e para dar continuidade ao objetivo deste trabalho temos que trazer à pauta os conceitos estabelecidos, em dicotomias, por Saussure demonstrando que estes estão constitutivamente relacionados e dependentes um do outro. A partir dessa concepção passamos a apresentá-los em sequência.

### **2.3.2. Linguagem: Língua e fala não são a mesma coisa?**

Quando Saussure inaugura a Linguística Moderna, no início do século XX, conhecida com a publicação do *Curso de Lingüística Geral*, cujo aspecto mais importante, provavelmente, de seu estudo emergente tenha sido justamente a definição da língua como objeto da Linguística.

Em vista disso, Saussure afirma que, a partir desse momento histórico, que a linguística é constituída por todas as manifestações da linguagem humana, mas estabelece uma dicotomia importante dentro da própria linguagem. Ele considera que a linguagem tem duas partes: a



língua, considerada essencial, e a fala, tida como secundária. Pode-se entender dessa distinção o equivalente dos termos, *langue* e *parole*, ambos utilizados por Saussure. O primeiro termo, genericamente, refere-se à língua como sistema de signos interiorizado culturalmente pelos sujeitos falantes, ao passo que *parole* (fala) se refere ao ato individual de escolha das palavras para a enunciação do que se deseja.

No CLG, a língua é o ponto central de abordagem. Esse objeto de estudo é o princípio de ordenação, o sistema linguístico, parte componente da linguagem, a qual é, segundo Saussure (2006), multiforme e heteróclita, e, logo, não passível de sistematização da linguística como ciência.

Saussure (2006, p. 16) explicita que a língua é o “produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”, e que a fala é a utilização individual, todavia se subordina à língua, ou seja, ao princípio de ordenação e àquilo que já é adquirido por ser convencional. Isso implica que, esse autor pontua que “é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem” (SAUSSURE, 2006, p. 16).

No que diz respeito à língua e à fala, é pertinente refletir, segundo Saussure, que o falante não é senhor da língua, pois esta, lhe impõe certos limites – as regras. O falante fala, mas não é de qualquer jeito. Em relação à fala, Saussure (2006, p. 21) deixa claro que ela “é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor”. Ou seja, compreendemos que, ao falar, o falante o faz individualmente, porém a partir das regras do próprio sistema linguístico. A assimilação da língua pelos grupos sociais é assim explicada pelo autor:

A língua existe na coletividade sob a forma duma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos. Trata-se, pois, de algo que está em cada um deles, embora seja comum a todos e independe da vontade dos depositários (op. cit, p.27).



Considerando essas afirmações, é possível entender porque Saussure afirma que os sujeitos, individualmente, não podem criar uma língua, ou mesmo modificar uma já existente. A língua é um fato *social*. “Ela é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade” (op. cit, p. 22).

Saussure, ainda, para a obtenção dos objetivos propostos à época, diferenciou os aspectos evolutivos, históricos da língua, a que denominou diacrônicos; e o estudo dos estados de língua, da relação entre os elementos simultâneos, a que denominou sincrônicos.

### 2.3.3. Diacronia e Sincronia

Os estudos linguísticos, bem como, as análises das línguas conhecidas, eram até Saussure realizados de forma comparativa, na tentativa de buscar estabelecer um paralelo, evolutivo da língua, uma história num contínuo espaço-tempo. Diante disso, os estudos das línguas, os denominados estudos linguísticos de caráter progressivo ao longo do percurso histórico de uma determinada língua são considerados por Saussure de Linguística evolutiva, a diacronia.

Nesse sentido, os linguistas buscavam, por meio da análise e da comparação, entender a relação de fatos ou fenômenos linguísticos tanto anteriores como posteriores ao *status quo*, ou seja, comparar fatos que provocaram mudanças no percurso histórico de uma determinada língua.

A diacronia, segundo Saussure (CLG, p. 109) supõe “um fator dinâmico, pelo qual um efeito é produzido, uma coisa executada. [...] os acontecimentos diacrônicos têm sempre caráter acidental e particular” pois o fator dinâmico que produz efeito é considerado pelo autor, como um “caráter imperativo” e “não basta para que se aplique a noção de lei aos fatos evolutivos”.



Por outro lado, a sincronia compreende estudos linguísticos de forma estática e descritiva, ou seja, estudos de língua imobilizada num determinado momento. Em outras palavras, é o estudo do funcionamento da língua e sua composição como fonemas, gramática e palavras. É o entendimento da mesma como sistema, composto de estruturas em que os elementos de seu todo se relacionam de forma interdependente (PEREIRA, 2009).

#### **2.3.4. Signo, significante e significado**

No período da Idade Média, dizia-se que o signo era *aliquid pro aliquo* (alguma coisa em lugar de outra). Essa definição mostra que o signo não é a realidade.

Nos tempos modernos, na concepção saussureana, a faculdade de constituir uma língua seria natural ao homem, embora seja ela própria uma convenção (Saussure, 2006, p.18). Para Saussure, a língua é um sistema de signos linguísticos, no qual, “de essencial, só existe a união do significante e significado, ou seja da imagem acústica e do conceito, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas” (op. cit, p.23).

- E segundo ao mesmo autor, o signo linguístico pode ser definido como sendo um aspecto de língua que é representado pelos dois elementos – imagem acústica e conceito – e que ambos existem intimamente unidos e que um reclama o outro. Em vista disso, Saussure vai precisar bem esse fato, quando diz que o signo linguístico não une um nome a uma coisa, mas um conceito a uma imagem acústica.
- O que o mestre genebrino quer mostrar-nos é que o signo não é um conjunto de sons, cujo significado são as coisas do mundo.
- É a impressão psíquica dos sons, perceptível quando pensamos numa palavra, mas não a falamos.



- O signo é uma entidade de duas faces, uma reclama a outra, à maneira do verso e do averso de uma folha de papel.

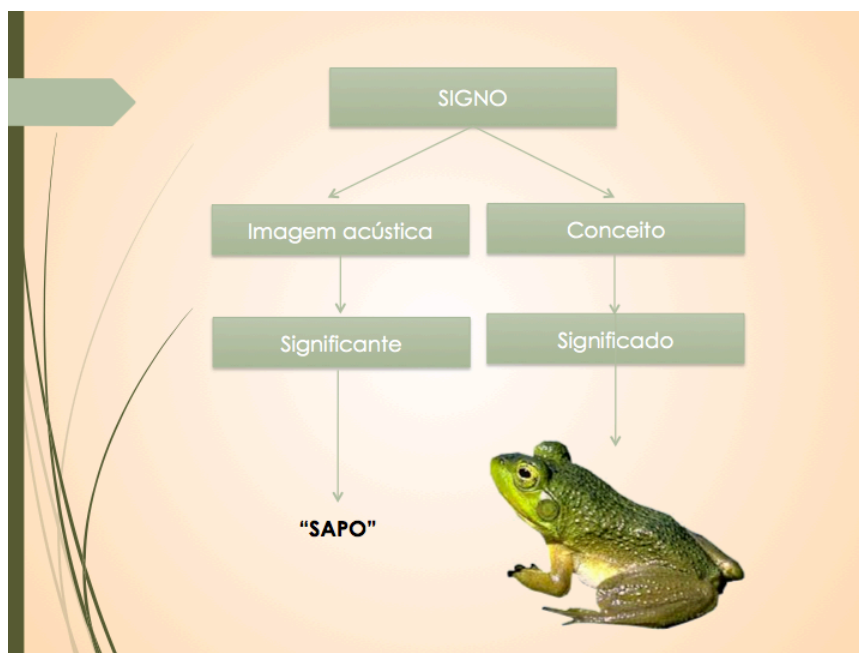


Figura 02. Signo dicotômico de Saussure. Fonte: Claudio Alves Benassi, baseado no modelo disponível em [http://www.unescnet.br/NIP/Edicao\\_Anterior/Revista\\_Eletronica2/ARTIGOS/TEXTOS.asp](http://www.unescnet.br/NIP/Edicao_Anterior/Revista_Eletronica2/ARTIGOS/TEXTOS.asp) de autoria de Antônio Carlos da Silva. Consulta em 20 de outubro de 2016.

- O significado não é a realidade que ele designa, não é o sapo em si, mas a sua representação, ou seja, o animal que se locomove aos pulos, é um anfíbio – enfim, tudo aquilo que cada um conhece dele.
- O significante é o veículo do significado, que é o que se entende quando se usa o signo, é sua parte inteligível.
- O signo linguístico apresenta duas características primordiais: a arbitrariedade e a linearidade.

### 2.3.5 Arbitrariedade e linearidade

Para Saussure o signo linguístico é arbitrário e afirma que, o signo ser arbitrário não quer dizer que o significado depende da livre escolha do falante (1969:83), pois não está nas mãos do indivíduo a capacidade de



mudar nada num signo linguístico, já que ele é social. Arbitrário é o contrário de motivado. Quando ele afirma que o signo linguístico é arbitrário, está querendo dizer que não há nenhuma relação necessária entre o som e o sentido. Que não há nada no significante que lembre o significado. Que não há qualquer necessidade natural que determine a união de um significante e de um significado.

Apresentamos aqui, exemplos do que é absolutamente arbitrário e relativamente motivado, em CLG, todos os algarismos de zero a nove são imotivados e um signo como “mar” é absolutamente arbitrário, porque não há nenhuma motivação no liame que une o significante e o significado. Já um signo como dezenove lembra os dois signos que o compõem, dez e nove. Como o significado de dezenove é "dez + nove" e o significante é composto dos signos dez e nove, ele é relativamente motivado. Os signos dez e nove são absolutamente arbitrários. A mesma coisa acontece com pereira. De um lado, esse termo evoca o signo pêra (fruta); de outro, o sufixo -eira, que aparece em nomes de árvores.

A arbitrariedade da relação significante e significado quer dizer que ela é convencional, isto é, repousa numa espécie de acordo coletivo entre os falantes.

Imaginemos se assim não fosse: um diálogo entre um casal de namorados:

- *Amor, eu te amo, você é uma verdadeira cadela vagabunda para mim.*
- *Como assim? – brada Maria*
- *Oras, uma cadela vagabunda daquelas bem grandes. – responde tranquilamente* *Pedro.*
- *Isso é um absurdo, não sou cadela e muito menos vagabunda! – responde Maria furiosa.*
- *Ofensa? Por que ofensa? Eu estou elogiando você, quer dizer, para mim essas palavras tem o sentido exato de um lindo elogio.*



- *Elogio? Apenas no seu mundo isso é um elogio, pois para o resto da sociedade isso é uma verdadeira ofensa!* – grita Maria enquanto esbofeteia Pedro.

- *Pedro coloca a mão calmamente em seu rosto vermelho.*

- *O elogio é meu, portanto as palavras também são minhas. Cabe a você entendê-las da mesma forma que eu.*

Esse fato demonstra que Saussure (2006) concebe a língua como portadora de algo que existe na coletividade, que se institui socialmente, e isso o leva a afirmar que o falante não é senhor da língua, porque existe um componente histórico, herdado, convencionado, que não lhe permite fazer com a língua o que quiser.

Paralelamente, esse autor aponta a existência de traços da ordem do individual, considerando as combinações individuais que cada falante faz, nos “atos de fala”, os quais são momentâneos, mas de acordo com uma determinada sequência linear.

A linearidade é uma característica das línguas naturais, segundo a qual os signos, uma vez produzidos, dispõem-se uns depois dos outros numa sucessão temporal ou espacial. Por causa dessa característica, não se pode produzir mais de um elemento linguístico de cada vez: um som tem que vir depois do outro, uma palavra depois da outra, melhor dizendo, não se pode produzir dois sons ou duas palavras ao mesmo tempo.

### **2.3.6 Eixos sintagmático e paradigmático**

Vale retomar a ideia de que o estruturalismo linguístico do século XX, consiste em uma concepção que considera a língua como uma estrutura, implicada em um sistema abstrato, cujos elementos que o constitui são interdependentes obedecendo a uma ordenação e dinamismo próprios dispostos em duas ramificações assim designados: eixo sintagmático e eixo associativo ou paradigmático.





Cada uma dessas ramificações, ou seja, cada uma dessas esferas são geradoras de certa ordem de valores, os quais veremos a seguir.

Todavia, antes de falar sobre eixo sintagmático devemos entender o que é um *sintagma*.

Sintagmas são as combinações existentes dentro de um contexto discursivo. A exemplo, verifiquemos o fragmento de Mário Quintana: “Há duas espécies de livros: uns que os leitores esgotam, outros que esgotam os leitores”, nisso, pode-se observar a necessidade da obediência ao princípio da linearidade. Tomando-se a palavra **livros** por exemplo, já se pode perceber uma relação de ordenação linear das sílabas: não se pode dizer as duas ao mesmo tempo; dizemos **li-vros e não dizemos vros-li**.

Nessa visão, vários termos linguísticos adquirem um estado de sintagma a partir do momento em que estão dispostos linearmente dentro de um contexto discursivo e relacionando-se dentro desse contexto. Ainda pode-se dizer que a noção de sintagma não se aplica apenas às palavras, mas estende-se também às unidades mais complexas da língua de toda dimensão e de toda espécie (palavras compostas e derivadas, frases, partes de uma frase, etc.)

Em outras palavras, o eixo sintagmático é, então, aquele em que os aspectos linguísticos estão presentes no discurso e que se estabelecem em relações de caráter linear, de interdependência dos elementos da língua – “Estado de língua”. Essas combinações que se organizam e se apoiam umas nas outras são denominadas de sintagmas. Portanto, a relação sintagmática se constitui entre dois ou mais termos de uma série, “que exclui a possibilidade de [se] pronunciar dois elementos ao mesmo tempo” (CLG, 142).

Da mesma forma, antes de discorrer sobre eixo associativo ou paradigmático, há que se abrir um parêntese sobre o conceito relativo a paradigma. Pode-se pensar, para esse termo, em uma representação de modelos a serem seguidos. É um pressuposto filosófico matriz, ou seja, uma



teoria, que origina o estudo de um campo científico; uma realização científica com métodos e valores que são concebidos como modelo.

Na filosofia grega, paradigma era considerado como sendo a fluência de um pensamento, uma vez que, através de vários pensamentos sobre o mesmo assunto é que se concluíam as ideias, seja ela intelectual ou material. Após a consolidação dessa ideia originavam outras ideias, até que se chegasse a uma conclusão desejada.

Em Linguística, Ferdinand de Saussure define como paradigma o conjunto de elementos similares que se associam na memória e que assim formam conjuntos. Então o eixo associativo ou paradigmático evoca valores de ordem fora do discurso, não apenas apresentam as palavras que oferecem algo em comum, mas elas se associam na memória e assim se formam grupos dos quais imperam relações muito diversas. Isso pode-se ser observado através do exemplo da palavra **ensinamento**:

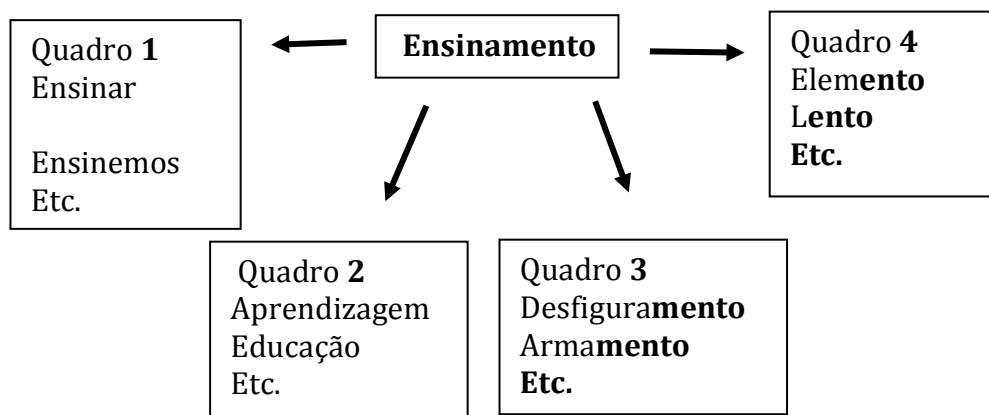


Tabela 01. Elementos associativos na memória. Fonte: Rosemary Pinto de Arruda Gonçalves

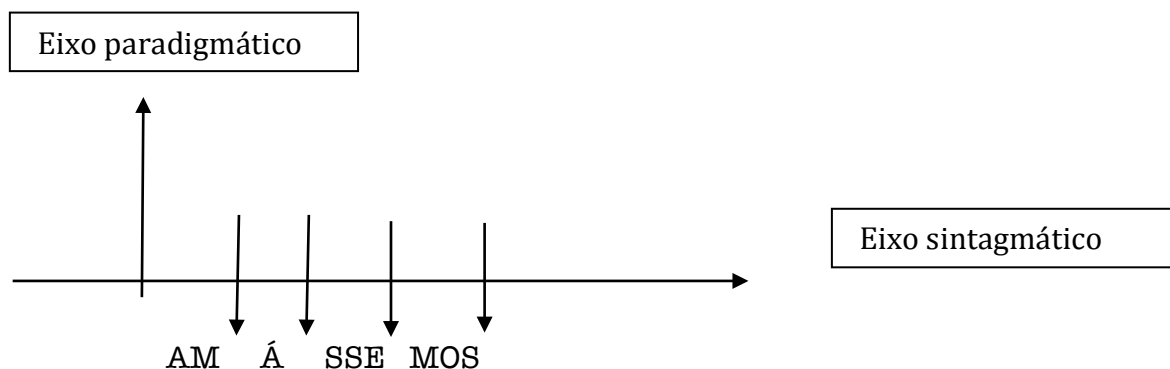
No quadro 1, pode-se observar que a palavra **ensino** vem ao encontro de algumas palavras que estão armazenadas no nosso cérebro, como ensinar, ensinemos, etc. que se relacionam pelo aspecto da ação verbal; no quadro 2, as palavras aprendizagem, educação, etc. estão se relacionando pelo conteúdo; as Desfiguramento e armamento, do quadro 3, estão relacionadas pela mesma forma de composição - sufixação - e as palavras elemento e lento, do quadro 4, estão se relacionando pela imagem



acústica (representação psíquica do som), pela semelhança de sonoridade, ou seja, pela rima.

Dessa forma, pode-se entender que nos eixos paradigmáticas ou associativas existem agregações de elementos linguísticos armazenados no nosso cérebro. Ou seja, cada usuário da língua detém uma fonte de recursos linguísticos presumidos que se relacionam e que variam em diversos aspectos - imagem acústica, ação verbal, conteúdo e formação interna das palavras.

Em uma representação gráfica, costuma-se colocar o *sintagma* como um eixo horizontal e o *paradigma* como um eixo vertical. Assim, na palavra amássemos, há um eixo horizontal sobre o qual se dispõem os elementos lingüísticos combinados em um *sintagma*, e há eixos verticais, para cada posição do sintagma, sobre o qual se dispõem os elementos lingüísticos que podem, por meio de relações paradigmáticas, ocupar essa posição.



- 1- Morfema -AM - indica o radical
- 2- Morfema -A - vogal temática
- 3- Morfema -SSE - desinência de tempo verbal
- 4- Morfema -MOS - desinência de 1ª pessoa do plural

### 3. COLÓQUIO DAS ANÁLISES E DAS CONSIDERAÇÕES: Como os sentidos se estabelecem sob a visão do estruturalismo linguístico?



Ao concluir este trabalho, infere-se então que; tanto no âmbito da frase em nível sintático, quanto da palavra em nível morfológico ou fonológico, ou melhor, que o estudo da língua, como objeto principal da ciência linguística obedece a uma estrutura. Esta, se sustenta em duas fortes colunas determinadas e fortemente imbricadas uma na outra que são as relações *sintagmáticas e paradigmáticas*.

Este tripé, Estrutura, Eixo sintagmático e Eixo associativo, trazem como fundamentos e argumentos de autoridade os conceitos instituídos por Saussure e que foram anteriormente referidos e embasaram e fortaleceram a nossa reflexão para poder dizer que no Estruturalismo Linguístico sob a ótica de Saussure os sentidos se estabelecem, *sine qua non*, nessas relações combinatórias que residem no domínio do contexto discursivo e extra discursivo.

Esse estudo, como dito anteriormente, é preliminar e não está pronto e acabado. Nesse entendimento, apresentamos a nossa reflexão respondendo à pergunta: Como o sentido é produzido na visão do Estruturalismo Linguístico? As considerações que ora nele colocamos apenas encerram essas páginas. Esperamos que novas vozes se façam presentes, sobre essa temática e também que, essas vozes vindouras possam agregar desdobramentos; que sejam como chuva para esse campo fértil, que é o estudo da língua/linguagem.





## REFERÊNCIAS

BENVENISTE, É. **Problemas de lingüística geral II**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006.

CÂMARA JÚNIOR, J. M. **O estruturalismo**. 1967.

PEREIRA, M. V. C. P. **Estruturalismo: definição e origem**. Disponível em <http://teorialiterariaufrj.blogspot.com.br/2009/06/estruturalismo-definicao-e-origem.html>. Consulta em 07 de jun. 2016.

SAUSSURE, F. de. **Curso de lingüística geral**. Org.: Charles Bally; Albert Sechehaye; Col.: Albert Rielinger. São Paulo: Cultrix, 2006.

THIRY-CHERQUES, H. R. O primeiro estruturalismo: método de pesquisa para as Ciências da Gestão. **RAC**, v. 10, n. 2, Abr./Jun. 2006.

Aprovado em 15 de dezembro de 2016

